

João Pedro Rodrigues de Souza Teixeira

MEU CORPO É UM RIO - ENTRE GEOGRAFIAS E LINHAS

*A linha delinea a costura;
O rio costura a geografia;
A água alinhava a terra;
A costura borda a superfície;
A linha alinha.*

O meu corpo rio se move pelo mundo. Neste deslocar vou modificando a paisagem, arrastando e agregando sedimentos. E nesse rio de ressignificações fui traçando meu percurso nas Artes Visuais. Nessa obscuridade, entre o não saber para onde ir, ou o ir e vir, fui criando e ainda crio, o meu local de atuação, o meu leito confortável de produção estética e de poéticas visuais. Caminho em uma direção só, para a frente, como a vida caminha para a morte, o meu desejo é retornar; parar; percebo que não quero prosseguir até a foz. Meus afluentes falam por mim, são imagens no mundo que representam um pensamento, arte expressa em símbolos que vislumbram a ligação com o mundo ao redor.

Assim como meu corpo, meu trabalho também é rio; representação, indagação e reflexão. Junto ao peso das águas criou-se seu curso e definiram limites, territórios, lugares, traços, desenhos, formas e vicissitudes. Uma linha entre passado e presente na qual demarco a história desse rio que tem seu leito banhado em sangue, água, seiva da mata extinta pela necessidade de alimentar as caldeiras dos barcos a vapores.

Territórios quilombolas e indígenas ameaçados por barragens, e principalmente pessoas que persistem na luta pelo seu território corpo e território rio. Vou costurando esses elementos que me perpassam sem que eu tenha escapatória: *“Preciso falar sobre eles, sinto essa necessidade, pois, represento uma porção dessa história e também do que está por vir”*.

Este trabalho trata das relações entre intervenção humana e ciclos naturais que envolvem os rios, em especial o São Francisco. Um percurso desviado ou um fluxo represado, contido, que revela a ação do homem nas relações estabelecidas com a natureza. A série de bordados *“não-ciclos”*, representa aquilo que perde a sua própria dinâmica e passa a existir em função de outrem, ou a não existir, co-existir.

No entanto, esse conjunto de imagens representa também a fala não ouvida dos povos nativos e dizimados, pelos colonizadores, que adentraram pelo corpo serpenteado do rio, trazendo os negros e as negras para à escravidão.

Em outra série exploro a fragilidade das folhas antigas dos livros de histórias combinadas à delicadeza dos bordados, que representam o contexto complexo em volta desse rio e dos vários outros *Brasis* a fora. Linha que demarca, linha que separa, linha que costura; o território é cercado de linhas e demarcações. Imaginariamente tento romper esses perímetros fechados através do bordado, mas também crio outros lugares e relações espaciais por meio deles. A ancestralidade da técnica que vem da costura, vem

das marcas do tempo, vem junto com o rio que traz a memória desse tempo, ou aquilo que persiste e caminha para a frente deixando suas marcas, linhas-perímetros-marcas, assim representados em meus bordados.

E nesse deslocar-se, como as águas que abrem caminhos, continuo deixando marcas e marcando, vou me costurando. Cosendo relações entre minha Arte e as pessoas que compartilham dessa história e principalmente desse futuro. Questiono: Aonde as águas do São Francisco vão me levar, e aonde a linha vai me prender? Linha da Costura/ Linha da Vida.

Vivo nessa relação análoga de forças e incertezas, entre a fluidez das águas e a segurança de um bordado bem costurado. Talvez seja importante romper com esses ciclos, expandir, caminhar em direção à foz.



